Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Casa de Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

JOSUÉ DOS SANTOS MOREIRA

(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistado - Josué dos Santos Moreira (JM)

Entrevistadores – Tânia Fernandes (TF), Michele Soares (MS), Fabiana e Fábio de Souza (FS)

Data – 05/10/2004

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 1h15min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MOREIRA, Josué dos Santos. *Josué dos Santos Moreira*. *Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 44p.

Data: 05/10/2004

Fita 1 - Lado A

TF – Entrevista com o sr. Josué dos Santos Moreira, em 5 de outubro de 2004, entrevistado por Tânia Fernandes, Michele, Fabiana e Fábio, e... para o projeto História das Comunidades de Manguinhos, Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz. Sr. Josué, então, vamos começar conversando? Eu queria que o senhor falasse da sua infância, da sua vinda pra cá, que o senhor falasse da sua vida, livremente.

JM – Bom, eu estou com 66 anos, 66 anos. Eu sou do... natural de... Pernambuco, um... um bairro que... por nome de... Timbaú dos Mocós, né? Eu vim pra cá, o... A primeira moradia minha foi em Manguinhos. Foi em 1951 quando eu vim residir em Manguinhos, quando eu vim do Norte, e, de 'formas' que, até hoje, eu vivo nesse local, né, na... nesse bairro, comunidade, não sei.

TF – Mas o senhor veio direto pra... pra Mandela de Pedra?

JM – Não, eu não vim pra Mandela de Pedra. Depois que surgiu uma favela na Mandela de Pedra, e o pessoal, então, teve que sair fora do... do local porque um dos prefeitos, nem me lembro quem era... prometeu, então, organizar aquilo, fazer umas... umas casas, né, conforme 'foi' 'feita' pra Mandela de... a Mandela 1. Depois surgiu a Mandela 2, depois vem a Mandela 3, que são aqueles 'barraco', né, que 'vai' sair lá em... é, digamos assim, Benfica, né, ali. E...

TF – Mas, o senhor, quando veio, o senhor veio para qual delas?

JM – Não, eu vim morar... diretamente eu morei em Manguinhos, né, em Manguinhos, ali na Varginha, na Varginha.

TF – Isso quando o senhor veio lá de Pernambuco?

JM – Lá de Pernambuco, vim morar na Varginha, né?

TF – O senhor tinha... me desculpe, quantos anos o senhor tinha, mais ou menos?

JM – Tinha... Eu tenho 63... 66, ou melhor, vou fazer 66, que eu sou de 1937. Tem o quê? Tem... calculando, mais ou menos... uns... uns 15 anos, né, mais ou menos isso, né, uns 15 anos.

TF – Por que o senhor veio de Pernambuco pra cá?

JM – Muita fome, muita miséria, tá entendendo? Nós perdemos tudo. O meu pai perdeu tudo, perdeu é... plantações, gado, bode, cabra, né, perdemos tudo. Então, nós viemos procurar um lugar melhor, né?

TF – Veio a família inteira?

JM – Veio nossa fa... família toda, né, nós todos viemos. Então, o lugar que nós achamos foi por intermédio de um tio meu, que já é até falecido. Ele disse: "Ah, eu tenho um barraco lá na... lá na Varginha, vocês vão pra lá..." Mas, quando eu fui morar em Manguinhos, ali, a Leopoldo Bulhões era terra pura, era um lamaceiro até sair lá em Benfica, né? E aquela estação de Vieira Fazenda era tábua, a plataforma era de tábua. Ainda eu, garoto, ainda alcancei isso tudo, alcancei. E ali, em Manguinhos, do lado de lá, ali, na Vila Turismo, Coréia, aquilo ali era uma sapucaia de lixo. Não tinha caminhões, era carroça de burro que depositava o lixo, que recolhia, todo naquele lugar.

TF – Então, o senhor tinha 15 anos, mais ou menos?

JM – Mais ou menos, 15 para 16 anos, né, que eu tinha, né? E a minha vida foi... Aí arranjei família. O meu filho mais velho nasceu ali, na Vila Turismo, ali, em Manguinhos, do lado de lá. Tá com 36 pra 37 anos, né? E os outros... Eu, depois, mudei pra Niterói, morei uns tempos em Niterói, mas não deu certo. Voltei novamente pra Manguinhos, né? Nesse...

TF – Não deu certo por que, em Niterói?

JM – Não deu porque... não deu certo, situações de... na minha profissão, e também a minha mulher também não gostou dali,nós voltamos. E, de 'formas' que... a minha vida foi essa, né...

TF – E era onde, em Niterói, que o senhor mudou?

JM – Não, ela ainda vive em Niterói, eu me...

TF – Não, mas onde era, em Niterói, (Inaudível)?

JM – Em Niterói, ali, em Santa Luzia, ali, além de... de São Gonçalo, né, além de Alcântara, ou melhor, né, não é? Então, vivi com ela ali uns 8 anos...

TF – Era uma favela também? Como é que era?

JM – Não, era casa também, da COHAB, né? Aí, não deu certo, eu... saí fora, né? Eu não vou contar certas 'coisa', que não é...

TF – É, o senhor conta o que o senhor quiser contar.

JM - ... né, tô contando porque isso é coisa que eu acho desagradável eu contar, e que não é... não é... não foi infidelidade dela, não foi nada, foi outra coisa pior do que isso, tá? Então, eu saí, fui viver a minha vida. Aí, conheci uma outra mulher. Arranjei 4 filhas com ela. Não deu certo também, saí fora, né? E estou vivendo agora com uma senhora que é uma maravilha. Ela é evangélica, é da Universal. Eu vivo com ela há 20 anos. É muito boa pessoa, é pensionista do Exército. Eu também tenho a minha aposentadoria, mas ela ganha (*risos*) muito mais do que eu, mas, mesmo assim, a gente vive bem, tá bom? Ela, também, aqui é da... se trata aqui, no... Oswaldo Cruz, né?

TF – Me diga o seguinte, quando o senhor mudou, então, o senhor veio pra cá, de novo. Aí o senhor foi direto pra Mandela 3?

JM – Não, nós mudamos... É o seguinte: aconteceu que nós compramos um... um barraco ali no... no Manguinhos, do lado de lá, ali na Rua Pernambuco, e houve um incêndio, e nós perdemos tudo. Aí foi quando surgiu aquela Mandela de Pedra, que era tudo pedregulho ali, era... Mandela mesmo, era Mandela 1, melhor, Mandela 1, era pedra mesmo... Foi quando eu não sei no qual prefeito ou qual governo que iniciou aquelas 'obra' ali prá construir aquelas casas no Nelson Mandela, né? Aí nós esperamos. Quando a gente 'mudamos' pra lá não tinha nem luz, fomos morar de "gato". Entregaram as casas à gente, assim, às pressas, porque a gente tinha perdido tudo, né, lá, do lado de lá de Manguinhos. Foi que nós fomos morar ali, né? Depois, minha mulher foi...

TF – Isso era, mais ou menos, em que ano?

JM – Ah, isso foi em quê? Para dizer a verdade à senhora eu nem guardei, sabe, qual a idade... qual o ano que foi.

TF – Ano sessenta e...?

JM – Não, não, foi muito mais, foi em oitenta e pouco, né, foi, é, mais ou menos isso. Aí... aí nós não demos certo, a minha mulher comprou um sítio lá em... em Piabetá. Nós 'fomo' morar lá, nós 'fomo' 'assaltado', 'perdemo' tudo. Aí voltamos novamente. Ela comprou... ou melhor, 'fomo' morar em Parada Angélica. De Parada Angélica, não deu certo, aí nós voltamos pra o Manguinhos, né? Nós vendemos uma casa que tinha em Manguinhos, 'fomo' pra ver se dava, né... A gente vivia melhor, né, mas não deu certo, não. E agora...

TF – Quando o senhor vendeu essa casa de Mandela 1 (Inaudível) Piabetá, não?

JM – Vendemos de Mandela 1 pra gente ir pra Piabetá. Lá a gente não deu certo. Compramos o sítio, fizemos plantações lá, mas roubavam (inaudível) da gente, inclusive... lá de (*Imbariê*?), fizeram um assalto lá, roubaram as coisas todas nossas, até... Só não levaram a geladeira que era pesada. Nós ficamos, né, numa situação, numa ilha sem... sem retorno, né, sem voltar, né, ou melhor. Mas, de 'formas' que foi o que aconteceu na nossa vida. Hoje, ela comprou uma casa em São João do Meriti. Eu tenho o meu barraco... que o meu irmão, inclusive, ele perdeu os 'documento' dele. Ele bebia, largou a bebida, graças a

Deus. Deixei ele no meu barraco. Eu vivo... Tenho o meu barraco, e vivo com ela em São João. E agora ela pretende comprar uma casa no Mandela, de novo, porque ela gosta, né?

TF – Então, o senhor não está morando na Mandela, agora?

JM – Não, eu moro no Mandela, moro no Mandela.

TF – (Inaudível) São João?

JM – Não, eu trabalho lá que o meu serviço é lá, né, que eu tenho oficina lá. Então, eu venho, venho pra o meu barraco com ele, ela vem também, fica na casa da filha dela que mora em Manguinhos, e fica lá no meu barraco também, comigo, né?

TF – Manguinhos, quando o senhor diz Manguinhos, é Varginha?

JM – Manguinhos, não, Manguinhos está do lado de lá, né, e a Varginha é do lado de cá, né, atravessando, né? É, é só isso.

TF – Não, não, não é só isso, não, vamos lá.

JM – 'Vamo' lá.

TF – Aí, queria que o senhor falasse um pouquinho dessa... dessa sua ida e vinda pra Mandela, quer dizer, que tipo de relação o senhor tem em Mandela, os vizinhos... Como é que é essa história da... a história de Mandela mesmo, e o senhor dentro dela?

JM – 'Aonde' eu 'tô' morando agora?

TF – É.

JM – 'Aonde' eu estou agora?

TF – É, (Inaudível) os lugares onde o senhor passou. Pode voltar (Inaudível)...

JM – Bom, depois que eu voltei pra ali, né? Aquilo ali foi invasão, né?

TF – Ah, diga, pois não, continue.

JM – Aquilo ali foi invasão que a gente 'fizemos' ali...

TF – Mandela 3?

JM – Mandela 3. De 'formas' que a gente invadiu aquilo ali, e... tem o quê? Mais ou menos uns 8 anos, né, não é, que a gente vive ali. Aí, fizemos os barracos ali, não é? E agora, o prefeito ali, o... foi até o... esse que saiu, foi reeleito, né, César Maia, foi muito bom com a gente ali, urbanizou a maior parte ali do... daquela Mandela 3, tá urbanizada, Favela-Bairro.

Eu agradeço a ele, né, e ele foi reeleito, né? E de 'formas que'... Eu não estou falando de política, não, eu estou falando...

TF – Sim, mas o senhor pode falar, não tem problema nenhum...

JM - ... eu estou falando o que aconteceu, né? E... ali fizemos 8 anos, eu... principalmente... Eu não fiz nada no meu barraco, não, ainda continua a mesma... de madeira, né? Eu, que agora, eu vou fazer de tijolo porque agora eu achei segurança ali na favela, né? E nós estamos sozinhos, morando ali. Tem água, tem luz, né? Inclusive, nós não pagamos luz, né? Água nós não pagamos também, né não? E...

TF – E essa água e luz foram vocês... vocês que colocaram ou foi a Prefeitura?

JM – Não, primeiramente foi a gente que colocou, clandestinamente, né, fizemos "gato", né? Depois, veio a Light e... botou lá uma espécie de... não sei se aquilo é computador, não 'seio'. Não tem medidor, não tem relógio, né, ainda, né, mas a gente... ninguém paga, e continua pagando, né? Isso... isso já vai pra o quê? Para uns 8 anos, mais ou menos, né?

TF – Ninguém paga luz, nem água?

JM – Não, nem água, nem luz.

TF – E a água vem de onde?

JM – A água vem... vem da CEDAE, né?

TF – Não sim, mas vocês... vocês, primeiro, fizeram encanamento?

JM – Não, porque aquele encanamento... Tem um cano ali, na reta, ali, que fizeram uma ligação, ali, do Mandela 3, que vai sair lá na Leopoldo Bulhões. Tem uns 'cano' ali por... que 'respira' água, ali, né, então, furaram aquilo ali, e a gente tem água dali, né, é água daquele... Ali não falta água, não, água, não, graças... graças a Deus.

TF – E o esgoto?

JM – O esgoto nós pagamos. Fizemos lá uma reunião, lá, e... e fizemos o esgoto por nossa conta própria. Cada um deu 35 reais, inclusive eu gastei 150 reais. Surgiu outra favela que... que invadiram lá num... invadiram a favela. Era... aquele lugar era só pra nós ali, mas houve um problema que eu não vou contar aqui, também, porque... Eu sei que surgiu. Tem casas, ali, 'boa', ali, né, no outro lado, 'aonde' a gente mora, na favela de... na Mandela de Pedra, né? Então, o que aconteceu foi isso, e a gente continua ali, né?

TF – Mas essa invasão veio de onde, essa invasão que o senhor está dizendo agora?

JM – Essa invasão ali... não sei, invadiram ali, né?

TF – Mas não tem... não é um pessoal que veio de algum lugar?

JM – É mais ou menos isso, né, mais ou menos isso.

TF – Mas vieram de dentro de Manguinhos mesmo?

JM – É dali mesmo, é o pessoal que mora ali mesmo, invadiram, pessoas que têm condições de fazer, e quem não têm, aí fizeram. E (Inaudível). Eu não vou citar, não quero saber porque, não, entendeu, fica com... fica comigo mesmo, né?

TF – Michele quer falar alguma coisa.

MS – O senhor está falando da Embratel?

JM – A Embratel, ali...

MS – Ali, dos terrenos...

JM – Eu estou falando... é, estou falando... na Embratel, não...

MS – ... que é entre o (Inaudível)?

JM - ... ali é COHAB, ali é da... de quê? Ali é do...

RC – Da CONAB?

JM – Não, ali é da... Como é o nome daquele lugar que invadiram ali? Invadiram a CCPL, né?

MS – Não, (Inaudível)...

JM – Depois invadiram a COBAL, né?

MS - ... é entre o Mandela 2 e a Mandela de Pedra. Tem uma... tem agora lá uma... uma comunidade, ali, também.

JM – Comunidade, é, perfeitamente, é.

MS – É, porque invadiram ali e estão fazendo tudo de tijolo.

JM – Isso mesmo, é, perfeitamente aquilo ali.

MS – Então, ali é Embratel.

TF – É Embratel, então, que o senhor está falando?

JM – Ah, eu não sei que é Embratel, não! Aquilo ali é Embratel?

MS – É.

JM – Eu estou falando da Mandela de Pedra, que dá o...

MS – Mas é o...

JM - ... dá saída lá pra o Mandela 2.

MS – Então!

JM – É ali mesmo. Aquilo ali que é Embratel?

MS – É.

JM – Eu acho que não, hein! Ah, é sim, é, tem razão, é sim, é isso mesmo. Era um terreno baldio que vinha ali, não é, e...

MS – É, (Inaudível).

JM - ... e 'invadiu'. Agora, não sei quem invadiu, nem vou dizer, né? Isso é... Mas eu sei que invadiram, tá tudo construído, né, e casa, né, só isso.

RC – Mas o senhor falou que Mandela 3 também foi invasão quando o senhor participou?

JM – Mandela 3 foi invasão, foi, nós invadimos, inclusive eu... eu ganhei até uns 'pescoção' do... dos 'PM', lá, há 8 anos atrás, né, que eu xinguei eles lá, né, nós 'xingamo', e eu fui vítima deles (*risos*).

RC – Mas, por que, então, que o senhor mencionou o César Maia? O que é que o César Maia teria feito?

JM – Não, o César Maia fez, ele fez... ele fez. Ele urbanizou aquela parte ali do... Mandela 3, né? Foi ele que fez aquilo ali, não é?

MS – Favela-Bairro?

JM – É, Favela-Bairro, ele que...

RC – Depois da invasão, depois de estar todo mundo assentado?

JM – Depois da invasão, ih, muito depois, né? 'Teve' ali aquele secretário... da... Como é, esse... Polícia, não, é... aquele que foi... aquele general... Como era o nome dele? É...

FS – O Nilo Batista, não...

JM – Aquele “coroa”, o... Como era o nome dele?

JM – Eu acho que foi ele mesmo. Foi Nilo Batista? Foi secretário de Segurança Pública?

RC – Ah, sim, ele foi.

JM – Foi ele que foi, foi ele mesmo. Ele esteve ali, acalmou tudo, tirou os policiais que estavam sendo agressivos... com o pessoal da invasão, né, entendeu? (Inaudível)...

TF – E esse terreno...

JM - ... aí ficamos até hoje, estamos lá até hoje.

TF – ... esse terreno da Mandela 3 onde vocês invadiram era da... de quem?

JM – Bom, dizem que era da Embratel, pertencia à Embratel.

TF – Mas tinha muro, ou não tinha muro? Como é que era?

JM – Realmente tinha muro, sim, tinha, tinha um muro, mas uma parte, depois, ela amurou, deixou outra parte..., não foi? pra favela.

MS – Correio?

JM – Ah, foi do Correio, né, é do Correio. Aquilo era do Correio ou da Embratel? Aquilo era da Embratel, minha filha, da Embratel, é. O Correio fica depois do Bicão, entendeu, o Correio fica depois do Bicão, depois daquele muro, daquela entrada, agora, que fizeram aquele portão da... Refinaria de Manguinhos, né, não foi? O Correio fica pra lá. Aquele terreno que foi invadido, ali, da Mandela 3, era da Embratel. Bom, ‘diz’ que pertencia à Embratel, né, não sei.

TF – O Correio tem... foi invadido também?

JM – Não, o Correio, não, foi só da outra parte de lá da pista, que foi a Cobal, que foi a CCPL, né, os dois que invadiram, houve invasão.

TF – (Inaudível).

RC – (Inaudível) outro lado (?).

JM – É, do outro lado, né, foi isso.

TF – E me diga aqui o seguinte, aí... Existia alguma... então, uma maneira, uma forma de organização da comunidade? Essas invasões eram feitas como?

JM – Bom, essa invasão...

TF – Vocês moravam perto, ali, né...

JM – É, 'morava', é. Tinha uma pessoa de frente, ali, que foi muito legal com a gente, um escuro, que tem até o... ali, a Associação, né, que é o Valério, né, foi que lutou por nós ali, né? Nós agradecemos a ele, 'somo' muito 'grato' a ele. Mas o pessoal assim mesmo não deu valor, né, não dão valor ao presidente, né, da Associação (*risos*), não reconhecem, né? E ali é assim, ali... (*'tamo' vendo*?), né?

TF – O que é que ele fez pela comunidade?

JM – Ele fez que ele ajudou e muito, em muita parte..., inclusive, naquela época, surgiu o César Maia, há 8 anos atrás, que também deu grande apoio à gente, tá, né?

TF – Que apoio que foi que ele deu?

JM – O apoio que ele deu que ele não deu... não deixou mais que houvesse... assim, violência contra nós, né, não é?

TF – Violência o quê, policial?

JM – É, policial, e que deixasse a gente ficar em paz, né? E, depois de anos, depois, passando os anos, então, ele veio de novo, e deu um outro apoio à gente, ajudou a gente numa parte aí da reta, né, que vai até o Bicão, né, que aquilo ali era ruim, né, era horrível mesmo, né, foi da Associação até a reta, melhorou muito. Só falta agora a nossa parte, onde eu moro ali, perto do muro, né, aquele muro que...

MS – (Inaudível).

JM - ... divide aquelas 'casa' que fizeram. E eu moro do lado de cá do muro, né? Lá a favela foi invadida, que aquilo ali era antes um terreno baldio, não era, (Inaudível), e aquilo ali era prometido à gente, mas, depois, invadiram, a gente ficou naquela mesmo, né, compreendeu?

TF – E quando vocês chegam no terreno, tá... o terreno é baldio, quer dizer, o chão táirregular. Como é que vocês fazem?

JM – Ah, aquilo é um terreno acidentado, cheio de pedra, né, era horrível. Até cobra eu matei lá, né, há uns 8 prá 9 anos atrás, é, né? Então, 'fincamo' os 'barraco', 'invadimo', aí fizemos os 'barraco'. 'Fomo' perseguidos pela polícia, mas a gente 'vencemo', 'tamos' até hoje lá, né? A luz, a gente... a gente... pessoas 'entendida' ali, 'eletricista', fizeram o "gato" prá gente, inclusive minha geladeira queimou porque a luz era demais, era 220, né, o normal é 110 volts, né? E... e aconteceu isso, a gente tá até hoje lá.

RC – Mas é barraco de madeira ou de tijolo?

JM – Bom, o meu, por enquanto, é de madeira, mas vou construir de tijolo, se Deus quiser, que eu gosto dali, gosto, não é, pra mim tá bom. Eu também já estou velho também, estou chegando quase na minha hora da... Não sei se São Pedro vai deixar eu entrar, não sei, 'vamo' ver, vou arranjar um passa... passaporte...

JM - ... um passaporte, né, pra 'mim' ir embora (risos).

TF – Ainda falta, ainda falta muito tempo para o senhor ir passear.

JM – É, pois não.

TF – Me diga o seguinte: fala um pouquinho dos seus vizinhos, porque o senhor... o senhor foi... o senhor percorreu várias... vários lugares... (Inaudível)?

JM – Ali, antes... ali, antes, quando a gente invadiu a favela, só 'era' pessoas ali... carentes, que 'precisava' de uma moradia, mas, hoje, a maior parte que vive ali, mais, digamos, 60% que 'vive' ali 'é' mais 'nordestino', não é, muito nortista que tem ali, muito mesmo. Eu falo 60, ou mais, *vai* até 80%, sei lá, né, eu sei que 'mora'. Chega lá é um... E, inclusive, eu também sou nortista, e daí? né? (ruídos - Inaudível).

TF – Mas, e a sua família, sr. Josué, que veio junto com o senhor, fez também esse caminho todo com o senhor? Pode continuar falando.

JM – Fez, a minha... a minha... minha mulher, né, que eu vivo com ela...

TF – Não, mas veio seu pai, vieram...

JM – Não, meu pai já não era mais vivo, já era falecido há muitos anos.

TF – E seus irmãos vieram também?

JM – Eu tenho um irmão que tá comigo, mora comigo. É o único que eu tenho, que o resto já... 'morreram', né? Tenho esse irmão...

TF – Mas eles morreram aqui no Rio?

JM – Morreram aqui no Rio, morreram, morreram aí.

TF – Mas, moravam aqui, também, na Mandela?

JM – Moravam, foram 'criado' ali na Varginha, né? Já morreram, já... Tem dois, que eu vou falar a verdade, eram muito bons, mas 'deu' pra vida torta, a polícia matou, né? Eu, graças a Deus, nunca fui viciado em tóxico ou... nem, graças a Deus, em droga nenhuma. Eu fumo só o meu cigarrinho que eu gosto, né, de fumar, mas, graças a Deus, criei minha família honestamente, com o meu trabalho. Não deu certo, vivem agora em Niterói. Só

tenho um filho que mora no Mandela 1, que tem uma casa dele, é o mais velho. Esse é "cabeça", não é? E tem minha irmã, que mora lá pra Sepetiba, morava na Varginha. Quer voltar de lá prá cá que não tá dando certo prá ela.

TF – Mas e os seus vizinhos, o senhor também observa essa... essa...

JM – Ah, os meus vizinhos...

TF - ... esse caminho assim, que vai e volta? Como é que o senhor observa isso?

JM – Tem vizinhos bons ali, mas tem vizinhos que não...

TF – Como? Não...

JM – Tenho ótimos vizinhos ali, mas tem...

TF – São vizinhos antigos?

JM – São vizinhos 'antigo'. Os antigos são bons, mas os que mudaram pra lá agora, recentemente, não... não... a gente não se dá, né, (Inaudível). E... meninas, lá, com 16 anos, se engravidando, né, não trabalham, se envolvem com (Inaudível), entendeu, que eu não posso citar aqui.

TF – E vieram dali também, de perto, o senhor sabe?

JM – É, dali de... Não, essa família veio lá de Jacarepaguá, outras 'veio' de outros lugares, (Inaudível).

TF – Mas, são,em geral, pessoas que vêm de outras favelas, de outros lugares? É isso que o senhor observa?

JM – É, de outros lugares, que a gente observa, né, outros lugares porque o nosso... o pessoal que 'invadiram' ali era gente tudo... Depois, agora, ih, aquilo ali é... ficou muita fofoca, né, muito... sei lá, outras coisas que eu não vou citar aqui, não é... entendeu?

TF – Me diga aqui o seguinte: Manguinhos, antigamente, participava, inclusive, da... de uma escola de samba, (Inaudível)...

JM – Era, inclusive, eu fui até compositor numa escola de samba em mil novecentos e cinco... foi em cinqüenta e oito.

TF – Mas era no Rio?

JM – Foi a Escola de Samba Unidos... Associação Carnavalesca Unidos da Vila Turismo. Depois, elas de uniram com Unidos de Manguinhos, que hoje é a Unidos de Manguinhos. A primeira peça quem comprou pra... fui eu que comprei, foi um surdo, até... é... cromado,

né, surdo, foi um surdo. Eu que dei a primeira peça, né? Aí uniu-se: a Escola Associação Carnavalesca, com Unidos de Vila Turismo, com a escola de samba que hoje é a Unidos de Manguinhos, né?

TF – O senhor é compositor?

JM – Fui compositor dessa escola.

TF – Então, canta pra gente aí uma musiquinha.

JM – Ah, (risos) não tenho mais voz pra isso, não.

TF – E o senhor toca o quê? Que instrumento o senhor toca?

JM – Eu gosto muito de violão, né, dona.

TF – O senhor toca violão?

JM – É, eu tenho o meu dedo... né, porque eu sou canhoto, né?

TF – Ah, então, conta pra gente aí como é que é essa história de tocar violão lá na favela?

JM – Não, eu gosto de cantar muito as músicas de... que eu fui... é meu ídolo, que eu considero meu ídolo, Nelson Gonçalves, né: "A flor do meu bairro", "Boemia", né? (*cantando*) "*Violão, eu estou tão sozinho, / sem amor, sem carinho, / solitário de amor. / Violão, já chorei tanto, tanto...*" Eu gosto, gosto (Inaudível)...

TF – E o senhor, então, canta onde? Vocês se reúnem? Como é que é?

JM – Não, eu me reuno com os colegas, né, pra tomar uma cervejinha... né? É só "coroa", mas gosto, eu gosto, né...

TF – E onde vocês fazem...?

JM - ... comer um tira-gostosinho... Não é bom? Não é? A gente faz uma seresta... Inclusive, o meu apelido na Varginha é "Seresteiro", né? Ah, tem muitos anos, né? Até hoje ainda... ainda gosto, ainda.

TF – E como é que era isso? Como é que vocês se reuniam? Conta pra gente essa... De quanto em quanto tempo?

JM – A gente se reunia... inclusive, a gente se reunia até perto de uma boca de fumo, ali na Varginha. E eles gostavam da gente cantar. Eu não sei se era pra distrair a polícia, né? A gente cantava ali. Tinha um comerciante ali com o nome Djanir, que já é falecido. Então, eu ficava ali, tocando o meu violão, tomando meu tira-gosto. Nessa época eu trabalhava em Olaria. Ficava até 2 horas, 3 horas da manhã, ali. Morava ali perto mesmo. Ia dormir,

quando ‘era’ 6 horas ia pra Olaria trabalhar, né, na minha profissão. Mas nunca teve problema nenhum, graças a Deus. Eu vivi muito bem com eles ali, nunca me... foi me... me misturei, assim, digamos com ele pra negócio de drogas, não.

TF – E o senhor... Vocês se reuniam pra tocar em algum dia... algum dia certo, assim, ou...?

JM – Não, era todo dia quase, todo dia, inclusive, tem um senhor lá que eu parava na tendinha dele, (Inaudível), que hoje é evangélico, né? Heraldo o nome dele, uma pessoa muito boa, né?

TF – Heraldo?

JM – É, mora na Varginha, Heraldo, né? Então, era meu... meu... a minha vida era essa. Quando eu não... Eu estava separado da mulher, de casado, então, eu vivia... Eu era muito procurado e até hoje ainda sou porque eu toco bem o violão, né? Até abandonei até o violão, tá lá, jogado lá. Eu vou até dar uma reforminha nele, que eu gosto, né, eu gosto muito. Eu sou canhoto, né?

TF – É canhoto (Inaudível)?

JM – Eu conheço um pouco de música também, não é? E moro na favela, né? (*risos*) Agora sou um “coroa”, né, não é?

TF – E a escola...? Quer falar? Fala alto! Renato.

RC – Não, porque o senhor disse várias vezes que Manguinhos deu certo. Por que é que o senhor... o senhor acha que (Inaudível)?

JM – Deu certo porque eu acostumei lá em Manguinhos. Porque eu trabalhei, eu fui trabalhar numa fábrica, eu não sei se vocês ouviram falar, Indústrias Reunidas Sofá-cama Drago, que era atrás da Gillette, ali, da antiga Gillette. Eu trabalhei 8 anos ali. Ali eu aprendi a profissão. Foi quando eu... veio... que eu me alistei no Exército Brasileiro, que eu servi um ano e três meses no Regimento Sampaio, lá na Vila Militar, né? Depois eu voltei à minha atividade, novamente, como estofador, nas Indústrias Reunidas Sofá-cama Drago. Depois eu saí indenizado, e procurei minha vida em outro serviço, né? Trabalhei numa firma ali na Avenida Itaóca. Era uma casa de móveis, que eu era estofador, com ali... a esquina com... aqui é Suburbana, né? Não, não é, é... Como é? Aquela principal, ali, em Bonsucesso, do lado de cá?

RC – Democráticos?

JM – Não. Teixeira de Castro? Não, é... Cardoso de Morais, né?

RC – Cardoso de Morais.

JM – Cardoso de Morais, esquina com Itaóca. Tem aquela padaria, a Garota, né?

RC – ahãm...

JM – É, né? Então, trabalhei ali 8 anos. E, depois, fui trabalhando, 2 anos... Trabalhei na *SESP*, fábrica de (Inaudível). Fui operador de (Inaudível) ali, né, me aperfeiçoei. E... agora estou vivendo minha vida na aposentadoria, né? É isso aí, né?

TF – Agora o senhor trabalha... o senhor não trabalha em empresa (Inaudível)?

JM – Não, não, eu trabalho por minha conta mesmo, né, 'aonde' eu arranjo um biscate, tenho o meu telefone... lá onde eu trabalho, em São João, mas continuo morando em Manguinhos que eu gosto de Manguinhos, tá? Ali vai ser o... A minha paixão é ali, então, eu acho que vai ser... os meus últimos dias de vida 'vai' ser em Manguinhos mesmo.

TF – E me diga o seguinte: o senhor foi compositor da escola. Conta... conta pra gente um pouquinho dessa escola.

JM – Era uma escola boa, Escola de Samba de Manguinhos, uma escola ótima, com... quando eu conheci, já faleceu, foi Roberto do Samba, um escuro que trabalhava na Brahma, o apelido dele era até "Veludo", foi o Joel, foi o Tião[1], não é, e depois não 'seio', né, porque eu me afastei, né? Mas, sempre quando eu vou lá, eu sou é lembrado. Ainda tenho a carteira de lá, ainda, há muitos anos, ainda guardo, reservo ela direitinho, carteira como compositor, né?

TF – E a escola continua existindo?

JM – Não, ela se uniu depois, se uniu com Unidos de Manguinhos, né, que agora ainda existe Unidos de Manguinhos, que fica ali, na Avenida dos Democráticos, não é? É isso ali. Ela quase dá frente pra uma... aquela fábrica de cigarro Souza Cruz, não é isso mesmo? É isso aí, né?

TF – E a... e a Unidos de Manguinhos, ela continua desfilando, continua...?

JM – Então, a Unidos de Manguinhos continua, continua desfilando, não é, continua desfilando, e... não morreu ainda, não, ainda tá, ainda...

TF – Mas o senhor costuma ainda ir lá, não, ou...?

JM – Não, é muito difícil... A gente, depois, vai chegando numa idade, né, que não tem mais aquela... né? Quando era novo, não, ih, eu era... Eu mesmo desenhei fantasia também pra eles, né? E... Não sou desenhista, não, mas eu fazia, né? E a gente era assim. E depois foi morrendo o pessoal que eu gostava, né, que 'foi' os fundadores mesmo, como foi o Roberto do Samba, não na Unidos de Manguinhos, nossa Associação Carnavalesca Unidos de Vila Turismo, que eu, Roberto do Samba e Joel fomos os fundadores, tá? Foi quando

[1] O entrevistado faz referências a compositores e membros da escola de Samba de Manguinhos.

surgiu aquela favela "Unidos da Vila Turismo". Ali era um campo de futebol que os portugueses que 'vendia' negócio de tripa, naqueles 'cavalo', né, 'botava' os 'cavalo' deles pra pastar ali. Aquilo tinha um nome ali, que saía lá na Capitão Bragança, que era o nome... era "Cá te espero", né, saía lá na Capitão Bragança, ali na Fundação Abrigo do Cristo Redentor, ali, né, (Inaudível) perfeitamente, é. É isso aí.

TF – E a... falando em Abrigo Cristo Redentor, ela fica mais pra lá, mais distante (Inaudível).

JM – Ela fica na Capitão Bragança, (Inaudível) não, fica do outro lado, né, porque, antes, eu morava ali, na Vila Turismo. Depois de muitos anos é que eu morava na Varginha, quando meus pais eram 'vivo". Aí, eu voltei a morar em... em Manguinhos... ali em Manguinhos mesmo, do lado de lá. Foi quando houve aquele incêndio, que a gente perdeu tudo, só ficamos com a roupa do corpo. Mas, graças a Deus, a minha mulher sempre foi bacana, né? O nome dela ficou um nome muito bonito. (*cantando*) *Carmelita foi, / nunca mais voltou. / Vou juntar meus trapos / que...* (*interrupção na fita*)

Fita 1 - Lado B

JM – Carmelita, ela... é minha última mulher, derradeira, que eu conheci, que eu amo de todo o meu coração. Ela se trata aqui no Oswaldo Cruz. Sabe a idade dela? Ela tem 78 anos, e é muito firme. Ela é da sua cor. Ativa, tem 8 filhos. Os filhos dela, o mais velho tá com 57 anos, trabalha... Mora lá perto de mim, aqui, em Manguinhos, lá na Mandela 3, ali. Lá, inclusive, 'mora' dois, mora ele... Você já ouviu falar no Levi, barbeiro? Ele mora ali. Muito conhecido, é meu enteado. E, de 'formas' que... é a única e é a mulher verdadeira que eu gosto, e a que eu vou viver até o fim da minha vida, tá?

TF – Essa música o senhor fez pra ela?

JM – Fiz pra ela. Essa música até eu tirei...

TF – (Inaudível)

JM - ... eu tirei até de Julio Iglesias, não é? É Julio... é Julio, né, Iglesias, né?

RC – É, Julio Iglesias.

JM – Que ele canta, né? (*cantando*) *Carmelita foi, / nunca mais voltou. / Vou juntar meus trapos, / que eu também já vou. / Desde que ela se foi, / nunca mais voltou. / Vou juntar meus trapos, / que eu também já vou, / Carmelita, meu amor.* Mas não quero que ela se vá, não, eu quero que ela... né? Não quero que ela... (ruído no gravador)

TF – Mas essa música é do Julio Iglesias, não é sua?

JM – Não, essa música é de Julio Iglesias, não é minha, não.

TF – Mas o senhor canta nas suas serestas?

JM – Canto na seresta, canto. Eu não gosto de cantar muito, não, porque ela diz que ela se foi, eu quero que ela volte.

RC – Que ela fique?!

JM – Que ela fique, ou melhor, né? (*risos*) Isso, que ela fique, né?

TF – O senhor não fez uma versão pra ela?

JM – Ah, eu fiz pra ela, e todos 'filho' dela 'gosta'... que eu tenho gravado, eu canto mesmo. Eu tô cantando aqui é... entendeu? Mas, quando eu tô num violão, eu canto. Canto, ela fica (Inaudível), ela fica prestando atenção. Gosta também daqueles sambas antigos, né, gosta, que já não ouve mais. Porque a juventude, hoje, quer saber de *funk*, esses 'troço', né, mas eu gosto. Eu não gosto de música... não gosto de... dessas bobagens, não. E é isso.

FS – O senhor falou sobre um incêndio, mas... eu cheguei depois... O senhor comentou sobre enchente na Varginha. Como é que estava? O senhor pegou alguma?

JM – Não, enchente nunca peguei na Varginha, não. Eu peguei do outro lado, na Vila Turismo, quando eu morava na Vila Turismo, que eu casei, quando eu casei, eu na Vila Turismo. Eu... eu conheci uma mulher ali, aí me apaixonei por ela e casei. Mas eu era bonito nessa época, eu não... não 'sou' o traste que sou hoje, né, digamos assim (*risos*).

TF – (Inaudível).

JM – Mas... e de 'formas' que deu um... Eu trabalhava na... conforme eu falei antes, eu trabalhava ali na Avenida Itaóca, numa loja ali, e deu uma... deu uma enchente muito grande, foi um verdadeiro dilúvio! Nós morávamos até num barraco alugado. Eu tinha comprado meus móveis, comprei minhas 'coisinha'... Naquela época 'era' muito pouco as 'pessoa'... que não existia gás, a gente tinha um fogão Faet com dois 'carburador', que eu comprei. Ih, aquilo era uma novidade, né? Poxa, era 'dificilmente' a pessoa ter um fogão daquele, né? E tinha uma televisão "capela", também, que eu comprei, à válvula, que, de vez em quando, dava uma explosão rapaz.... Eu ia comprar vela pra... válvula pra... né, botar. Então, deu uma enchente lá que levou... um metro e meio dentro de casa. Não tem uma escola ali, na Avenida dos Democráticos, em frente à Vila Turismo? Como é o nome daquela escola ali? É Rui Barbosa, não é, não?

MS – Ema, Ema.

TF – É Ema?

JM – É uma escola que tem até uma ladeirazinha, do outro lado de lá de uma subidinha. É muito antiga!

MS – Clóvis?

JM – Eu acho que é isso mesmo, né, eu acho que é.

MS – Clóvis Monteiro.

TF – Clóvis Monteiro?

RC – Clóvis Monteiro.

JM – Aí, nós fomos pra ali, é, aí nós fomos prá ali. 'Perdemo' tudo, 'perdemo' roupa... Aí ficamos ali até uns... quase um mês ali. Depois é que nós voltamos, mas perdi tudo.

TF – Isso, então, o senhor morava na Vila Turismo?

JM – Morava na Vila Turismo, mas nunca peguei enchente ali, na Varginha, não, nunca peguei enchente ali, não.

TF – Mas em Vila Turismo sim?

JM – Em Vila Turismo...

TF – Foi uma enchente ou foi mais de uma?

JM – Não, foi uma enchente. Essa foi... só, a última, derradeira, né, graças a...

TF – Depois não teve mais enchente?

JM – Não, depois eu não peguei mais, não, que eu não... eu não...

TF – Não, mas teve mais alguma que o senhor... o senhor lembre?

JM – Teve, depois teve, mas não deu pra... pra prejudicar.

TF – Onde?

JM – Foi ali mesmo, na... Vila Turismo, ali... Ali tem a Coréia, né, tem ali o... tem a Coréia, tem o antigo Barrinho, né? Vai sair lá na... naquela rua que tem, que é a principal ali, que é a Santana do Livramento, né, e tem outra mais atrás que a... onde o pessoal joga lixo ali, aquela rua que invadiram uma vez ali, pegou fogo, né, é, que vai sair lá na Capitão Bragança. Tá lembrada, daquele incêndio ali? O pessoal perdeu...

MS – (Inaudível)?

JM – Aquele pessoal mudou ‘tudo’ pra Sepetiba, mandaram o pessoal ‘tudo’ pra Sepetiba. Sabe onde é?

MS – É dos sem-terra, não era?

JM – Isso (*risos*), dos sem-terra, é isso mesmo, dos sem-terra. Eles até ‘ia’ apanhar água na casa da minha enteada, lá, né, que eles não ‘tinha’ água. A minha enteada até hoje tem água com abundância lá, graças a Deus, né?

TF – Esse pessoal que foi pra Sepetiba, eles ficaram lá ou eles voltaram?

JM – Ah, muitos voltaram porque é muito longe, condução muito cara, difícil a condução, né? Muitos voltaram, mas muitos ficaram lá. Quem ‘tiveram’ condições de ficar, ‘ficaram’, né, quem não teve, ‘voltaram’, né, ‘vieram’ embora, né, porque é muito distante e a situação, também... né, de trabalho é difícil, né, lá não tem. E a maior parte que foi lá não tem emprego certo, não tem da onde tirar pra... pra comer, né? (*risos)*.

TF – E quando o senhor... Nessas ocasiões - são duas ocasiões que o senhor teve aí, o senhor falou da enchente e da... do incêndio – o senhor foi removido pra... pra unidades distantes, ou não?

JM – Não, eu fiquei ali mesmo.

TF – Mas não houve remoção dessa... (Inaudível)...?

JM – Não, não houve, não.

TF - ... dessa (Inaudível)?

JM – Depois eu fiz uma casa. A minha... essa mulher que eu não vivo com ela, ela é mineira, de Muriaé. Eu fui pra Muriaé com... Aí, vendemos. Eu fiz uma casa de tijolo. Aí, o pai dela nos aconselhou que tinha serviço lá em Muriaé, Minas Gerais. Eu fui trabalhar lá, mas também não deu certo. Aí, eu fui morar em Niterói. Aí, em Niterói, eu me separei dela, né? Aí, voltei a morar em Manguinhos, novamente.

RC – E como é que é... O senhor disse que perdeu tudo no incêndio, perdeu tudo na enchente. Como é que é esse processo pra recuperar as coisas? Como é que...?

JM – Recuperar... A gente teve que comprar tudo de novo, né, não é, meu jovem, né...

RC – Pois é, mas deve ser difícil.

JM - ... comprar com sacrifício. Antes, muita gente... fomos ali... Aí, quando houve essa época do incêndio, do lado de lá de Manguinhos... Tá lembrado desse incêndio? O senhor não lembra, não, né?

RC – Não, a gente sabe (Inaudível).

JM – Bom, não tem lembrança. Então, a gente já tinha sido cadastrado pra ganhar as ‘casa’ lá no Mandela 1, mas as ‘casa’ não estavam prontas. De ‘formas’ que, primeiro, veio o incêndio, e as casas estavam inacabadas, mas a gente... o prefeito autorizou que a gente fosse pras ‘casa’ assim... Não tinha nem luz, mas a gente arranjou um jeito, lá, de botar uma luz clandestina lá, né? Aí, botamos. Depois que foi... Mas fizemos tudo.

RC – (Inaudível).

JM – (Inaudível).

TF – Essa luz sempre foi clandestina ou ela foi legalizada?

JM – Depois foi legalizada, até hoje, tá legalizada. Cada morador tem o seu relógio, tem o seu medidor, né? Mas, antes, não, antes não era assim, antes a gente roubava luz, né, (Inaudível).

TF – (Inaudível)?

JM – Roubava dos ‘fio’, lá na Leopoldo Bulhões.

TF – Na própria rua?

JM – É, na própria rua. Tinha ali pessoas que ‘morava’, que eram ‘eletricista’, então, eles ‘conhecia’, e tirava, né, (Inaudível) gente, não é?

RC – E o senhor disse que pagou pelo esgoto. Como é que é isso, (Inaudível)?

JM – Não, o esgoto foi agora, há pouco tempo, que a gente não tinha esgoto porque a gente... essas ‘casa’ que foram... esse terreno que foi invadido, que tem essas ‘casa’, que ela sabe onde é, que é do lado de lá – a gente mora perto do muro – então, eles exigiram que a gente modificasse o nosso esgoto, né, e a gente ‘modificamos’ o esgoto, né? ‘Tiramo’ pra não haver problema, não haver confusão. Todos os ‘morador’ ‘mudou’.

RC – Era esse esgoto de fossa, ou ele (Inaudível)?

JM – Não, é... tem as ‘caixa’, né, tem as ‘caixa’, né?

TF – Mas cai no rio?

RC – Cai no rio depois?

JM – As ‘caixa’ a gente pagou, a gente pagou. Cai tudo no rio, né, vai tudo prá o rio.

RC – (Inaudível)?

JM – É, justo, mas... é mais ou menos, mas, agora, o... eu acho que o César Maia, ele vai continuar porque ele que começou, né, ele foi reeleito, não é, então...

RC – O senhor tem esperança que chegue o Favela-Bairro aí?

JM – Tenho esperança porque já chegou, já começou.

RC – Já começou?

JM – Já começou! Aquela descida ali da... da reta, conhece a reta ali? Sabe que aquilo ali como era, aquilo ali?

MS – Horrível...

JM – Tá lembrado como era aquilo ali? Aquilo ali melhorou, vamos dizer, 100%, tá?

MS – (Inaudível).

JM – Não? Eu acho que sim. Só tem que os 'morador' são muito 'lambão', né?

RC – Não conservam, né?

JM – Não 'conserva', e, assim mesmo, tem os 'gari' 'comunitário', né, que 'faz' a limpeza, mas a maior parte dos 'morador'... (Inaudível).

TF – E como é que é a coleta de lixo?

JM – Da Prefeitura, a Prefeitura coleta o... Os 'gari' 'comunitário' 'vai' nas 'porta' de cada morador e recolhe o lixo. Isso é verdade.

TF – Na porta das pessoas?

JM – Hein?

TF – Na porta das pessoas?

JM – Nas 'porta' da pessoa. É verdade ou não é?

TF – Com caçamba ou (Inaudível)?

JM – Com... Não, vai com as 'caçamba', assim, e vai, e, depois... Mas antigamente eles 'jogava' lá na praça da DPO, né?

MS – Não, mas eles deixam lá, aí, depois, (Inaudível)...

JM – Agora não, agora ‘vai’ deixando as ‘caçamba’ lá. São mais de 20 ‘caçamba’, né? Aí, vai recolhendo (Inaudível). Aí, depois...

TF – (Inaudível) são caçambas grandes?

JM – É, essa caçamba pequena. Tem mais de 20!

TF – Eles recolhem com aquela cor de abóbora...

JM – ‘Recolhe’ e ‘vai’ deixando cheio lá. Aí, vem o caminhão de lixo depois, recolhe ela e leva.

TF – O caminhão de lixo passa de quanto em quanto tempo?

JM – Eu acho que passa de... duas vezes por semana, né?

MS – Um dia, sim, um dia, não.

JM – Não, um dia, sim, um dia, não, né, é verdade, é, melhorou muito. Antes não era assim, não, era pombo sem asa, né? Sabe o que...?

TF – Pombo sem o quê?

RC – Pombo sem asa.

JM – Pombo sem asa, né?

TF – Como é que era o pombo sem asa? O que...?

JM – Pombo sem asa... não tinha banheiro, antes, na favela. Os outros ‘fazia’ as suas ‘necessidade’, né, e ‘pegava’ as ‘sacolinha’ e ‘jogava’ do outro lado. (*risos*) Era o pombo sem asa, né? (*risos*)

TF – no outro lado na casa do vizinho, lá na casa do vizinho?

JM – Eu também, eu também fiz muito isso também, lá! E pior quando ‘tava’ com dor de barriga, né? Aí que era horrível, né? (*risos*) Mas é isso, né? Mas depois melhorou, cada um foi fazendo seus ‘banheiro’, aí foi melhorando... A gente tem luz agora, mais ou menos, né, não é... não paga luz, ninguém... você também... paga não, ninguém paga. (*risos*) Não vem com essa, não!

TF – Aí, a...

RC – Ninguém vai saber disso.

JM – A Light paga. Não? Sabe...

RC – Ninguém vai contar.

TF – Ninguém vai contar.

JM - ... a Light toda... todo mês dá o... manda pra lá o lembrete dela, né, e a cobrança, né? Mas a gente deixa pra lá, não paga, né, isso mesmo, é mais um...

MS – (Inaudível).

TF – Ela corta de vez em quando a luz, a Light?

JM – Cobra, não cobra todo...

TF – Corta?

JM – Não, 'cortou' nunca cortou, não.

TF – Mas como que o senhor falou que era mais ou menos?

JM – Mais ou menos porque ela não tá cobrando a gente, né? Depois...

TF – Ah, tá. Mas ela funciona? Tá acesa a lâmpada?

JM – Tá, a lâmpada, graças a Deus, tá. Se a gente não deixar as 'lâmpada' 'acesa' o...

RC – (Inaudível)...

MS – (Inaudível)...

JM - ... os 'pernilongo' 'encara' a gente, a gente tem que brigar com eles de noite, né? O papa-vento tem que continuar, né, rodando de noite pra dar o chega pra lá nele, né?

TF – Espantando mosquito?

JM – Sabe o que é o papa-vento, né?

TF – O ventilador.

JM – É isso aí, é.

TF – Me diga aqui: os garis comunitários ganham dinheiro pra...?

JM – Ah, eles devem ganhar, né, se eles não 'ganhasse', né, eles não trabalhavam, né? 'Ganha', sim, ganha, todos eles 'ganha', eles recebem.

TF – Dinheiro da Prefeitura? Não é da Associação, não?

JM – Não, quem paga é a Prefeitura, a Associação não tem dinheiro. Coitado, o Valério[2], eu acho que ele tá matando cachorro a grito e urubu a pernada, tá?

TF – Como é que é a Associação? O que é que a Associação faz?

JM – Uma casinha de tábua lá no princípio da favela. Fez, tá lá até hoje, lá.

TF – Quem é? Como é o nome dele?

JM – É Valério, Valério dos Santos, presidente. É um escuro, né?

MS – (Inaudível)...

TF – Michele quer falar.

JM – É gente boa, é gente boa.

MS – Você...

TF – Michele, fale (Inaudível).

MS - ... você acha que a Associação é ativa?

JM – Hum?

MS – Você acha que a Associação é ativa?

JM – É... desde que começou a favela, desde que começou! 'Foi' os primeiros invasores ali da favela que nos 'ajudou', foi Valério e aquele Jorge, que morreu de AIDS, né, um magrinho...

MS – Eu não sabia.

JM – Foram as duas pessoas, não é, que... que eu conhecia ali, e conheço desde pequeno o Valério. Eram... eram as únicas pessoas que nos 'ajudou' ali, o Valério, tá, que nós devemos muito a ele, né? O Valério é gente boa, né?

TF – E me diga aqui, sr. Josué, como é que tá essa situação, hoje, da... da violência, que a gente, do lado de fora, ouve falar, dentro da comunidade? Como é que ela começou? Como é que o senhor vê isso?

JM – Ah, eu não posso dizer nada...

[2] Valério é o atual presidente da Associação de moradores.

TF – O tráfico de drogas, como é que (Inaudível)?

JM - ... porque a senhora sabe que a violência tá em todo lugar, né? A violência tá no meio da nossa classe, da classe média, né, e tá... né, tá tudo mesmo... Eu não posso falar nada disso porque é uma coisa que... a gente, pra... pra viver numa localidade, a gente precisa viver bem, viver se... tratando nossa vida, sem prejudicar ninguém, e deixando eles 'viver' pra lá, né? Não é isso mesmo? É, então, então, é isso... a você, né?

TF – Mas eles são meninos dali, são pessoas... São novos, né, a maior parte (Inaudível).

JM – Não, eu não... não conheço eles, não, senhora, não conheço porque...

TF - ... vieram de fora?

JM – É, não sei, eu não sei, aí eu não posso dizer nada, eu não posso falar nada sobre isso porque é uma coisa que eu vim fazer uma entrevista aqui... né, prá vocês aqui...

TF – (Inaudível).

JM - ... de uma forma que eu falo o que...

TF – Me diga o seguinte, mudando de lé pra cré, e a Fiocruz? Quando o senhor mudou pra aí a Fiocruz já estava desde o início do século.

JM – Pra mim... A Fiocruz, quando... quando eu conheci a Fiocruz meu pai já trabalhava aqui. Meu pai foi que... Essa Fiocruz antiga, ali, aquele negócio metálico, ali, que tem em cima – sei que aquilo é bronze – eu era pequeno, meu pai que conservava aquilo ali, né, tem mais... é...

TF – Conservava fazendo o que?

JM - ... tem mais de 100 'ano'. Conservava aquilo ali. Eu sei... eu sei que ele trabalhava ali, né, trabalhava ali. E só tinha aquele prédio ali, não tinha... Agora que... agora tá muito bacana, né? Então, tinha um hospital ali na frente, depois foi demolido, eu não... se eu não me engano foi o Torres Homem, né, Torres Homem. Aquilo ali, eu era moleque, eu tomava muito banho ali na... Quando fizeram o alicerce, então, formou-se uma verdadeira piscina. Até morreu um moleque ali, meu amigo, ali, morreu ali. Nós 'ia' tomar banho ali, né? Eu acho que você nem era nascido, né?

RC – Não, (*risos*) acho que não, não sei.

JM – Não, não... eu era moleque.

TF – Morreu dentro da piscina?

JM – Morreu dentro da piscina, é.

TF – na caixa d'água, como é que era?

JM – A gente pulava pra mergulhar, roubar manga lá no... na... aquele negócio dali, do... do... aquele negócio dos 'velho', ali, do... Abrigo do Cristo Redentor. A gente ia roubar manga ali. 'Panhava' aqueles 'cavalo' do português, de noite, pra andar nos 'cavalo' (*risos*)... Era uma...

TF – Mas, e a Fiocruz? A Fiocruz não tinha muro. Vocês iam lá passear. Como é que era?

JM – Ah, a gente ia lá, pulava o muro, né, pulava o muro, ali, na Capitão Bragança, entrava pelo mato, ali, pulava o muro, e ia cá pra dentro, lá, né, ia lá pra dentro.

RC – Qual era o nome do seu pai? Ele foi funcionário aqui, que o senhor falou?

JM – Meu pai foi (Inaudível) da Costa Moreira. Tem muitos 'ano', tem uns 70 'ano', mais ou menos, não é?

RC – (Inaudível).

JM – É, 70 'ano'. Ih, tem uns 70 'ano'!

TF – Ele trabalhou muito tempo aqui, na Fiocruz?

JM – Ele trabalhou um bocado de tempo, é, um bocado de tempo. Naquela época que meu pai trabalhou aqui não existia carteira profissional. Depois que Getúlio Vargas foi que... né?

TF – Foi antes da década de 30?

JM – Foi. Isso aqui era mato, era um matagal aqui! A Capitão... a... Leopoldo Bulhões, até sair ali, era... ninguém... Não passava nem carro, nem ônibus, não passava, ali, não. A 1ª linha de ônibus que passou ali foi a linha Duque de Caxias – Mauá, tá lembrado? Foi, Mauá – Duque de Caxias, foi a linha que fazia, é. Era Praça da Bandeira – Duque de Caxias que passava ali. Se dava o apelido nos ônibus da... era... acho que era da Copanorte, era o "varandinha".

TF – Mas, quando o senhor veio pra cá, a Leopoldo Bulhões já existia? Uma pista subindo...

JM – Já, mas era matagal, era mato ali! Ali não existia nem a Embratel, não existia nada disso.

RC – Mas, esse ônibus que o senhor falou passava, então, pela... Leopoldo...

JM – Passava pela Leopoldo Bulhões, naquele lamaceiro ali, saía lá em Bonsucesso, né, no... saía lá em Bonsucesso, do lado de lá, não é na Praça das Nações, é. Saía lá, apanhava

lá aquela... Como é o nome daquela rua que vai sair lá na Penha, aquela direta? É... Eu esqueço o nome ali. Depois da... Eu não me lembro mais, não, não... Uranos, né? É Uranos, né, saía lá na Uranos, né, ali, na... que era a estação de Bonsucesso, né?

TF – Mas tinha a estrada de ferro....

JM – Aí, apanhava a Uranos, né, ia embora.

RC – Mas, então, ele atravessava alguma... alguma ponte, (Inaudível)?

JM – Não, não tinha ponte...

RC – Ah, já era direto (Inaudível)!

JM - ... era... já era direto, já.

RC – Não passava desse lado de cá?

JM – Não, não, era do lado de lá, não passava do lado de cá.

TF – Mas era rente com... rente à estrada-de-ferro?

JM – Era rente, ao lado da estrada-de-ferro, né, era.

TF – (Inaudível)...

JM – Ia até a Penha, né? Até a Penha, não, ia até Vigário Geral, acompanhando a estrada-de-ferro, sempre.

RC – Do lado de lá, não desse lado de....

JM – É. Ia até Caxias, né, até Caxias, acompanhando a... ao lado da estrada-de-ferro, acompanhando...

RC – (Inaudível)?

JM – É. Ali, sei lá, ali mudava... não sei, já não tenho mais lembrança, né, não é? Mas, é isso.

TF – Me diga o seguinte: o senhor presenciou, então, também, a construção da Avenida Brasil? Foi na década de 50.

JM – Olha, eu fui... eu fui... eu fui encarregado...

RC – (Inaudível).

JM - ... quando construiu, ali, em Niterói, eu trabalhei 2 anos ali, o Consórcio Construtor Guanabara, da ponte Rio – Niterói. Eu trabalhei na... na Ilha do Fundão, né, trabalhei na Ilha do Fundão e na Mocanguê. Eu fui encarregado ali, né? Depois que eu trabalhei... foi ali, naquela... aquele viaduto que tem ali, do... Francisco Alves, Francisco Alves, não, qual é o nome? A... Avenida Rodrigues Alves.

RC – Rodrigues Alves, (Inaudível).

JM – Eu trabalhei ali, é, eu trabalhei ali, naquele viaduto, que eu fui encarregado, também, de vigia, ali. Quando começou o viaduto, aquele viaduto que vai...

RC – Perimetral, ali.

JM – Isso, perfeitamente.

TF – Então, o senhor não trabalhou só com estofado?

JM – Hum?

TF – Então, o senhor trabalhou (Inaudível)?

JM – Não, eu larguei o estofado, fui trabalhar ali, por intermédio de um tio meu que já até é falecido, era mestre de obra. Ele arranjou pra mim, né, é que eu fui trabalhar, arranjou... Eu fui encarregado de vigia, também, ali, né, da... aquela... não sei se vocês 'conhece', aquela ECISA?

RC – ECISA?

JM – É, Engenharia Comércio Indústria Sociedade Anônima, Anônima, né? Eu trabalhei nela, né? Trabalhei 3 anos. Me arrependi depois que eles... Se eu soubesse que eu ia largar da mulher, de casado, eu tinha ido pra Argentina, eu 'tava' bem. Ela tinha obra lá, queria me levar, e eu não fui, né? Ah, que arrependimento! Puxa!

TF – Mas, quando a Avenida Brasil foi construída, o senhor era... o senhor era um menino ainda, (Inaudível).

JM – Não, a Avenida Brasil já estava construída, já... ih, há muitos anos! Não era como é agora, né?

RC – É, ela foi duplicada.

JM – Era <u>muito</u> esburacada, não é, era horrível mesmo, era mesmo, era. Agora, não, agora...

TF – Mas ela já foi construída esburacada?

JM – Já! Eu, quando peguei ela, era mesmo, era, era de concreto, né?

RC - Era, de concreto.

JM - E quando acontecia qualquer coisa de um... aquelas ‘passagem’ ‘acidentada’, aí vinha... era aquela companhia que tinha, que fazia aqueles conserto na Avenida Brasil, que eu me esqueço... Era tudo concreto, né? Era concreto mesmo, não era asfalto, não, era concreto mesmo.

TF – Aí, cedia quando chovia, não é isso?

JM – Era concreto ‘brabo’. Não, muitas ‘parte’ ‘cedia’, né?

RC – (Inaudível).

JM - É, até hoje não cede?

RC – Cede.

JM – Quantas ‘estrada’ tem aí que... né?

RC – É. É porque o... o concreto, ele é feito em placas, então, de repente, alguma placa (Inaudível).

JM – Isso, alguma placa ce... por causa do terreno embaixo que cedia, né? É, é isso mesmo, é.

TF – Mas, o senhor, quando veio pra cá, quando o senhor era pequeno, isso... não tinha essa parte aterrada na Avenida Brasil. Vocês andavam muito pelo lado de lá, ou só ficavam aqui mesmo?

JM – Não, não tinha, não, não tinha, não. Ali era muito pouca... água era não. Agora, aquilo ali tá... Como é que se diz mesmo? Tá muito povoado, né, muito... muita... Mas modificou muito, sei lá, modificou. Não sei se (Inaudível), sei lá, eu sei que ela modificou muito, né, você vê que modificou. De mil novecentos.... e oitenta.... aquilo ali tá... poxa! Eu alcancei aquilo ‘brabo’, ali. Não tinha tantas ‘passarela’. Era uma mortandade em acidentes, ali, demais da conta. Agora não, agora tá uma beleza, né? Aquela Presidente Vargas mesmo, aquilo ali, poxa, aquilo ali era um fedor danado até a Candelária, né, era muito esgoto que ‘jogava’ ali, e muita carniça ali. Eu alcancei isso tudo, eu alcancei!

RC – Na Presidente...?

JM – Era, até chegar lá. Da Leopoldina até a Candelária, meu Deus do céu! Aqueles ônibus ‘velho’, ‘antigo’, que ‘transitava’ ali (*risos*)!

RC – É, porque a própria Presidente Vargas, ela... quando ela foi aberta, ela destruiu muita coisa. E até hoje tem terreno vazio.

JM – Até hoje. Não disse que eu passei ali, que ia... iam fazer aquilo ali... aí 'ia' dragar aquilo, limpar, 'ia' fazer umas 'galeria' ali pra sumir aquilo, até hoje... Conseguiram fazer alguma coisa? Nada, continua...

RC – É... nada. A própria Cidade Nova (Inaudível)...

JM - ... continua... Há mais de 100 anos que tem aquilo ali! Nunca tiveram uma idéia de fazer aquilo ali pra sumir, não é, desaparecer aquilo, fazer uma espécie de umas 'galeria' ali pra... né?

RC – Ah, mas aqui já é o Canal do Mangue, então, (Inaudível)...

JM – É o canal... É, vem dali mesmo, da Presidente Vargas, o Canal do Mangue...

RC - ... (Inaudível) o final da Presidente Vargas.

JM - ... que aquilo ali joga pra o Mangue, joga pra o... joga pra o Mangue. Aquilo tudo, aquele esgoto que vem, ih, ali 'é' milhões de esgoto que cai ali, né, não é só unzinho, não, né, 'é' milhões, né? (*risos*)

RC – Não, (Inaudível) só um, não.

JM – Não.

FS – O senhor conhece alguma coisa da.... do Retiro Saudoso, daquela área ali, canteiro?

RC - O senhor conhece essa área que eles chamam de "Retiro Saudoso"? O senhor tem... o senhor tem idéia desse nome, assim?

JM – Eu tenho, mais ou menos, idéia, Retiro Saudoso, mas não me lembro, não, não tenho lembrança, não, não tenho, não, Retiro Saudoso, não.

RC – Praia do Retiro Saudoso, o senhor nunca ouviu falar, não?

JM – Não, falar eu ouvi falar, agora, não...

TF – Vocês iam à praia?

RC – Pois é, como era que era (Inaudível)...?

JM – Hein?

TF – Vocês iam à praia?

JM – Bom, a praia que nós freqüentávamos era a Praia do Flamengo, né...

TF – Aqui, nunca freqüentava, na Baia?

JM – Na... não, era a Praia do Flamengo, na Ilha do Governador era aquela Praia do... do Dendê, né? A gente freqüentava ali, e pesquei muito ali, tá? Pescava cada 'um' peixe... um papa-terra, oh, enorme! Siri, aquele siri de... de puçá, né, peguei muito ali. Conheço tudo ali: Jardim Guanabara... Trabalhei muito e ganhei muito dinheiro ali. Ali só tem, ó... e vou voltar de novo.

TF – Na Ilha do Governador?

JM – Na Ilha do Governador, Jardim Guanabara, Dendê, Cacuia, conheço tudo ali, né, tudo ali.

TF – E como é que era o lazer de vocês ainda pequenos, e depois de adolescentes?

JM – Sobre... não...

TF – O que vocês faziam, além de cantar?

JM – Não, além de cantar, era trabalhar... 'Chegava' os sábados, fazia a minha compra, levava pra casa, e sábado...

TF – Tinha festa?

JM – Não, muito difícil festa, esse negócio de aniversário, também, a gente nunca...

TF – E festa grande, assim, da comunidade?

JM – Agora que a gente faz, que as 'filha' da minha mulher fazem aniversário, quase todo mês surge um que aniversaria, né, aí, ela faz um bolo, faz lá um salgado, compra umas duas 'garrafa' de caninha da roça, umas 'cerveja', e a gente, aqui, né, (Inaudível), né?

TF – E, aí, toca violão?

JM – Hein?

TF – E, aí, toca violão?

JM – Toco meu... toco, faço minha farrinha com meus 'amigo', né?

TF – Mas tinha, assim, festa da comunidade, festa junina?

JM – Não, tinha, festa junina tinha.

TF – Como é que... como é que era?

JM – A gente fazia as ‘fogueira’, assava batata-doce, aipim... Tinha...

TF – (Inaudível)?

JM – É. Tinha... aqueles ‘nortista’ lá da minha terra, ‘fazia’ quentão, né? Era até bacana, sabe, mas é bom, não é? E... tinha, tinha festa junina.

TF – E tinha alguém cantando forró, tinha forrozeiro? Já tinha muito nordestino (Inaudível)?

JM – Não, forró não tinha, não, era muito difícil.

TF – E nordestino não tocava forró?

JM – Não, era muito difícil, muito difícil. Depois, agora, de uns 20 ‘ano’ pra trás... pra cá, ou melhor, pra cá.... é que surgiu a música nordestina do forró, né, que é uma cultura, né, agora, né? Correu... aí, agora, é o forró. Nós conhecíamos antes era o... o “Rei do Baião”, Luís Gonzaga, que surgiu o... primeiro sucesso dele, que foi aquela “Mula Preta”. Eu roubava, às vezes, 200 réis do meu pai ou da minha mãe pra botar naquelas... naquelas... Como é o nome que dava? Aquelas.... elétricas, aqueles... de ficha, é.

RC – Ah, máquina de música?

TF – Máquina de música?

JM – Ah, é... Isso!

RC – (Inaudível).

JM – Aí, pra... só pra escutar: (*cantando*) *Eu tenho uma mula preta / de sete palmos de altura...* Ah, eu adorava aquilo, sabe? Também tinha aquela, também, do Rei do Baião, aquela antiga, eu nem me lembro mais. Aquela do Nelson Gonçalves, que foi o primeiro sucesso dele, que ele, antes, era compositor, né? Era Davi Nasser, Lourival Faissal, né, e eram compositores dele. Foi a primeira música que eu adorei, foi “Normalista”, né? (*cantando*) *Vestida de azul e branco, / trazendo um sorriso franco / num rosto encantador, / minha linda normalista...* Ah, eu adorava, né? Depois, ele foi um... muito... Eu tenho... eu quase tenho o repertório dele todo, né, (Inaudível), aqueles ‘disco’ 78 rotações, né, eu tenho guardado em casa, tenho lá. Em cada um eu boto um papelão pra não deixar ele empenar, né, que aquilo empenava muito, né? Agora não, agora tem CD, né? Eu, se eu tiver condições, eu vou converter aquilo tudo em CD, né, que eu gosto. Nelson Gonçalves, quase <u>todas</u> as ‘música’ eu conheço, né?

TF – Me diga aqui, os senhores iam na Feira de São Cristóvão, na festa dos nordestinos?

JM – Não, não existia. Nessa época, sabe o que existia em São Cristóvão? Era o Campo de São Cristóvão. Mas, sabe o que era o Campo de São Cristóvão? Era a instrução daquela... da Cavalaria do Exército. Ali não tinha nada, só tinha... Era tudo de ferro fundido, 'era' aquelas... Como é o nome desse troço mesmo? É... Em campo, quem é da geral, aquele... aquele tablado que fazia?

RC – Coreto, não?

JM – Não, era aquilo pra sentar, pra sentar.

RC – Arquibancada?

JM – Arquibancada. Era tudo de ferro, tudo... um troço muito bem trabalhado de ferro fundido, tanto pra um lado, como do outro. Então, tinha aquela Feira de São Cristóvão, que a minha mãe gostava muito ir. Nós 'morava' ali em Manguinhos, nós íamos todo domingo à Feira de São Cristóvão. Era... era quarta e domingo, não é? 'Era' aqueles 'barraqueiro' 'português', né? Era na época do bonde, né? "(*Olha a direita*?)" (*risos*), né, o motorneiro. Ih, nem conheceu, não conheceu, não! Era o bonde, né? Tinha o bonde... era o 94 que ia até a Penha, né? Saía ali, do Largo de São Francisco. E tinha o 93, que era até Ramos, né? E tinha o bonde de um tostão. Quando eu ia trabalhar na Drago, era o "taiobinha"?Eu esperava ele. Era um bonde que tinha um banco comprido assim, assim, do lado, era banco lateral. Era um tostão. A gente 'panhava' o bonde. Era às 6 'hora'. (Inaudível) o horário dele (Inaudível) era certinho, tá?

RC – (Inaudível) esses bondes passavam lá por trás, não é isso?

JM – É, 'passava' lá na... Avenida dos Democráticos, né, 'passava', 'ia' até a Penha, e da Penha ia até o Largo de São Francisco.

RC – (Inaudível)?

JM – Era, o ponto final dele. Aliás, de todos ali, era Ipanema, né, Leblon, né...

TF – Aí, a família...

JM - ... (Inaudível) o Tabuleiro da Baiana, né, não era isso mesmo?

RC – Isso, é exato... (Inaudível).

JM – É isso aí, é.

TF – Ia a família toda lá pra São Cristóvão, para a feira?

JM – Ia, a gente ia pra lá, ia pra lá fazer compra, comprar... né? Tinha aqueles 'cego' que cantavam ali, tocavam... a gente... É coisa muito... sabe como é, a gente gostava, né?

Depois que o negócio foi ficando bom, né? Agora, vê a Feira de São Cristóvão, né? Tá uma coisa, agora, né? Mas, de vez em quando, eu vou ali comer uma buchada, sabe?

RC – Tá bom ou tá ruim?

JM – Ah, buchada boa, de bode. Sabe que eu gosto, né, que eu sou pernambucano, eu gosto, não é?

TF – E o senhor achou bom essa mudança, agora, da...?

JM – Ah, eu achei, ficou bom. Poxa, ficou ótimo! Eu conheci aquilo ali, poxa vida, aquilo ali, ih, era sem graça, entendeu? Só o que animava muito era aquela feira de domingo, de... de 4ª feira, é que ela animava mais São Cristóvão. Mas aquilo ali era instrução de Cavalaria, ali. O Campo de São Cristóvão, aquilo tá... você vê aqui que é tudo, agora, comércio dos "paraíba". Aquilo era campo de instrução, ali, da Cavalaria, que ainda tem ali, perto da Rua Escobar, né, ali no canto, né, Rua São Januário, ali, né, (Inaudível), né? Bom, São Januário já fica lá perto daquela cancela, né? Eu falo daquela outra, é... Como é o nome mesmo? Eu me esqueço. É tanta coisa que a gente esquece, né?

TF – Tem a Rua Bela e, depois tem (Inaudível)...

JM - É, tem, é. (Inaudível). É só isso?

TF – É. Tem alguma coisa, algum "causo", que o senhor queira contar pra gente, que o senhor lembre?

JM – Não, o caso que eu me lembro é o seguinte, que eu (Inaudível)... (*interrupção na fita*)

Fita 2 - Lado A

TF - ... dos Santos Moreira, dia 5 de outubro, fita número 2. Diga.

JM – Ah, eu... me lembro é o seguinte, é que o... o... bom, o que eu me lembro, não, o que eu estou fazendo aqui é uma entrevista, aqui, né, e, se não tiver mais nada pra me perguntarem, né, o que eu 'seio' é isso, né. E aí a fita continua, né, até...

TF – Me diga o seguinte, ainda sobre a comunidade que o senhor mora, né, a gente tem ali... são 3 Mandelas, na realidade, (Inaudível)...

JM – É, Mandela 1, Mandela 2, Mandela 3.

TF – Isso. Fale um pouquinho sobre as relações dessas comunidades pra gente, dessas Mandelas, assim...

JM – Não, as relações delas são boas, são ótimas. Ninguém se mete com ninguém.

TF – Mas como é que surgiu... Por que é 1, 2 e 3? Elas surgiram em momentos separados, (Inaudível)?

JM – Não, 'o' 'primeiro' que surgiu foi a... a Nelson Mandela, não foi, a... que eles... eles é que usam como "Mandela 1", mas é Nelson Mandela. Já a outra tem outro nome, né, o nome oficial dela.

MS – É Samora Machel

JM – Hein?

MS – É Samora Machel.

JM – É, é isso mesmo. Agora, a outra favela, a que nós moramos, é que eles botaram como Mandela de Pedra, mas, quando a gente foi morar lá, o nome da favela era Vila Miséria, não era? (*risos*)

RC – Não sei.

JM - Era Vila Miséria.

TF – E quem mudou pra Mandela de Pedra? E por que é Mandela de Pedra?

JM – Bom, porque foi invadida, a gente invadiu ela, né, e estamos morando até hoje aí. É um... é...

MS – Tinha muita pedra lá?

JM – Muita... O quê? Ainda tem cada 'um' pedregulho lá, danado, tá, que nem... que acho que nem guindaste tira aquilo! Engraçado que teve uma mulher lá que ela cercou tudo de tijolo, o pedregulho. Para que? Ela gostou da pedra, né? (*risos*)

TF – Me diga o seguinte, mas, enquanto o senhor diz assim: "Ah, eles mudaram lá o nome, começaram a chamar..." Quem são esses "eles" que mudaram o nome?

JM – Não, 'foi' nós 'mesmo'.

TF – Era Samora, era Mandela...

JM – É.

TF – Quem troca esses nomes?

JM – Não, quem troca esses ‘nome’... esses ‘nome’ não ‘é’... não... Bom, quer dizer, eles dizem: “Varginha”. Varginha não é Varginha. Como é o nome da Varginha?

MS – Carlos Chagas.

JM – Carlos Chagas, né? Mandela 1 o que, que é? É Nelson Mandela, né? Quebraram até o busto dele, não foi?

MS – (Inaudível).

JM – (Inaudível)

MS – Quebraram.

TF – Ah, é?

JM - Se ‘fizeram’ de bronze, eles tinham carregado. Fizeram com uma massa lá, quebraram (*risos*).

MS – (Inaudível).

JM - É, tinha.

TF – Quem “quebraram? Quem quebrou?

JM – É, sei lá, a molecada lá, né? Aí, depois, surgiu a Mandela 2, que eles botaram o nome de Mandela 2, mas, não é, não. O que ela falou?

RC – É Samora Machel.

TF – Samora Machel.

JM – Ah, é isso mesmo.

MS – Samora Machel ainda tem.

JM – Agora, a outra não, a outra ficou como Mandela de Pedra mesmo. Ainda tem aqui, ó, quer ver? Eu mostro aqui, olha aqui.

TF – Mas quem que chama “Mandela de Pedra”? Por causa das pedras?

JM – Olha aqui, aqui, a senhora vê aqui, tá aí o nome, aí, ó. Eu sei que tem... tem 8 anos isso aí.

MS – (inaudível).

RC – Isso aqui é um cadastro? O que é isso?

JM – Isso é...

MS – É da Associação...

TF – É da Associação de Moradores.

RC – Ah, da Associação!

TF – Cadastro da Associação de Moradores, que o sr. Josué está nos mostrando.

JM – Não sei como eu trouxe isso no bolso hoje! Parece até...

RC – Rua Leopoldo Bulhões, 530...

JM – Isso, perfeitamente, é.

RC – ... (Inaudível). Praça Zumbi dos Palmares, s/n, Benfica.

JM – É isso, é.

RC – (Inaudível) Benfica, né?

JM – É Benfica, é. Lá é... pertence a... é Benfica, é Manguinhos, né?

RC – É Benfica, é, Rua das Pedras.

MS – É, é Benfica, (Inaudível)

JM – Sei lá.

TF – Mas ele não é Mandela de Pedra por conta da resistência dele?

JM – Mandela de Pedra. Aí tá "Rua das Pedras", não tá? Rua das Pedras...

RC – Rua das Pedras (Inaudível).

TF – Sr. Josué...

JM – É, Rua das Pedras, né?

TF - ... me explique o seguinte: esse nome, "Mandela de Pedra", é porque tinha muita pedra...?

JM – É porque tinha muita pedra, muita pedra, é.

RC – Obrigado, sr. Josué.

JM – De nada. Não era pra...

TF – Não é porque era um movimento de resistência?

JM – Não, ali tinha muita pedra, era um terreno acidentado, né? Tinha muita... Pô, que tinha cada um pedregulho ali! Antes, a Mandela 1 tinha pedregulho também. Depois, os 'trator' 'foi'... 'plainando' aquilo, aterraram, acertaram o terreno, fizeram o esgoto, né, a água... e fizeram as 'casa'. E, nessa... nesse tempo, nessa época, eu ainda morava lá na... na... em Manguinhos, foi quando pegou fogo, mas a gente já era, conforme eu falei antes, a gente já tinha sido cadastrado de Manguinhos pra mudar pra aquelas 'casa', né? Foi isso que aconteceu, né?

TF – Mas, me diz o seguinte: mas, as pedras... as pedras eram de que origem? O que era aquilo lá, aterro?

JM – Ah, era pedregulho, era rocha mesmo, pedaço de pedra mesmo. Acho que aquilo foi até...

TF – Mas veio de fora, o senhor acha?

JM – Acho que veio de fora aquilo, né? Porque aquilo, a gente ia pra ali, moleque, ia brincar ali, caçar, matar camaleão ali, né, e 'panhar'...

TF – Mas sempre teve aquela "pedregulhada" toda?

JM – Sempre foi.

TF – Ah, entendi.

JM - Agora não, agora... ainda tem algumas 'pedra' ali que não foram 'retirada' por causa do tamanho 'dela', mas 'muita' 'foi'... 'foi' 'enterrada', e o... a gente mesmo enterrou. Cavamos aí com... com picareta, com enxadão, 'enterramo' as 'pedra' pra poder ficar...

TF - ... construir em cima.

JM - ... o terreno plano, pra poder fazer, né, os 'barraco', né?

TF – Mas, Mandela de Pedra não é aquela que, uma vez, cobriram com... com... (*no início*?) cobriram com um plástico preto? Não tinha uma história assim?

JM – Era, a maior parte ali era...

TF – Como é que era isso?

JM - ... quando a invasão foi. Cada um ganhava seu... marcava seu pedaço... Antes, marcava até o final, né, da Embratel, né, depois que a Embratel dividiu, não foi? Aí, ficou um pedaço pra Embratel, e ficou um pedaço pra Mandela de Pedra. Mas, o certo mesmo era ir até... sair na Leopoldo Bulhões. Tá lembrado disso?

TF – Mas, a Mandela de Pedra é aquela que chamam "Caverna de Batman"? Não tinha isso?

JM – Não, a favela Mandela de Pedra sempre foi Mandela de Pedra, né, sempre foi, né?

MS – (inaudível)

JM – Tem ali, botaram o nome ali, na reta, ali, "Batcaverna", não foi?

MS – É, "Batcaverna".

TF – Isso.

JM – "Batcaverna", é, né, "Batcaverna".

RC – Ah, (*falam ao mesmo tempo*), "Batcaverna".

TF – Por quê? Conta essa história pra gente ouvir.

JM – Sei lá, um cara lá que botou.

TF – Não tinha uma história de botar um plástico preto em cima...?

JM – Botava, a....

TF - ... (*falam ao mesmo tempo*) proteção de... de... de chuva?

JM – É, de chuva, é, é chuva. Não tinha esgoto sanitário, não tinha nada, como eu falei antes, era pombo sem asa, né, que voava mesmo, e salve-se quem 'pudesse', tá? (*risos*)

TF – Isso era da Mandela 3 pra Mandela 2?

JM – Mandela 3, Mandela 3.

TF – Mandava pras outras Mandelas?

JM – É. Às vezes, "nego" até brigava: "Pô, tá caindo no meu telhado! Tá fedendo aqui!" O cara errava, né, errava o vôo, né? (*risos*)

RC – Pitoresco.

JM – E é isso aí.

TF – Então, tá bom. Vocês 'tão (Inaudível).

RC – (Inaudível).

JM – E quantas vezes eu fiz isso também! Apertava a barriga, de noite, eu digo: "Ó, a latinha..." Aí, eu ainda perguntei pra uma neta minha, da mulher é bisneta... é neta mesmo, ela era pequenininha, agora tá uma moça, era pequena: "Vem cá, minha filha, porque você não gosta de ficar no barraco do vovô e da vovó?" "(*Não,vovô*?), porque a gente tem que fazer o cocô numa latinha (*risos*) pra (Inaudível), e fazer xixi numa... não, fazer cocô numa latinha, e xixi numa sacolinha." (*fazendo voz de criança*) (*risos*)

RC – Mas, nesse barraco, então, moram o senhor e a sua esposa, agora?

JM – 'Mora' eu e minha esposa, e é pequenininho, mas dá, sabe, dá. Ela vive mais lá na... que ela tá em tratamento, ela vive mais lá na casa da filha dela, que tem mais... ouviu? Que lá, agora, tem banheiro, eu fiz, fiz, botei vaso, botei água, botei luz, mas ela gosta mais de ficar com a filha dela, do lado de lá de Manguinhos, porque a filha dela se trata também, faz ginástica no... aqui no Oswaldo Cruz, e ela vem mais pra cá, fica lá, né? Eu também vou pra lá, como lá, durmo, ela vem pra cá, às vezes cisma, fica no meu barraquinho também, e é assim. E eu trabalho lá, em São João do Meriti, que lá tem... mais condições de eu trabalhar, que eu vou ser sincero, essa mulher que eu vivo com ela, eu conheci ela no forró, ali em Manguinhos. Tem 20 anos'atrás', fez 20 anos agora. De formas que a gente começou a se conhecer, eu não queria saber de família, não, 'sabe' de ninguém não! Minha vida era a boemia, era sair pra cantar, sabe como é? Aí, depois que eu conheci ela... Eu tinha o meu quarto direitinho, tinha tudo. Quando eu olhei, cheguei lá, levei ela pra o quarto, ficamos lá, moramos (Inaudível) lá. Aí, ela disse que era aposentada, que ela trabalhou em negócio de limpeza muitos anos... Aí, quando eu fui morar com ela, depois de 3 anos, (Inaudível), ela disse: "Olha, eu sou pensionista do Exército." Ela ganha quase 4 mil reais por mês. Eu ganho mixaria, quatrocentos e pouco, mas tá bom, né, deixa a... pra lá... ajuda os 'filho' dela, em obra. E ela comprou uma casa lá em São João do Meriti, e nessa casa eu tenho oficina, mas eu vivo com ela mais... vivo mais aqui embaixo com ela do que lá em cima, ouviu? Ela comprou mais pra ajudar os filhos, sabe, porque é muito boa, ela, inclusive, é presbítera, até da Universal do Reino de Deus. É muito boa, minha mulher é muito bacana, sabe? Minha mulher pra mim é um anjo, sabe? É, gosto muito dela... Ela tá preocupada comigo: "Você vai mesmo fazer entrevista?" Eu digo: "Vou." Botei até... que eu tenho meu... Lá em casa eu... Trouxe o meu caderno. Vou fazer entrevista... Tá aqui, ó. Esse é o telefone lá de casa. Tá aqui: "Michele. Ponto final do Fiocruz. 3ª feira, dia cinco, 9:30 da manhã. Entrevista Josué."

TF – Essa é sua agenda?

JM – Bom, isso... Eu tenho a minha agenda em casa, isso aqui é só um apontamentozinho, né, que eu trago

TF – É um caderninho, né, é uma ajudinha, é uma ajudinha.

JM – É, uma ajudinha, que eu tô que, às vezes, não guardo. Eu sou muito burro, não trago de cor telefone, aí tem o telefone do meu filho, que é esse aqui... que mora no Mandela 1. Meu filho tá bem, graças a Deus. Entrou pra Universal, é pastor de lá, comprou até carro, não sei de que jeito, comprou, né? Tem da minha irmã, né? Tem aqui... os... telefone da minha... da minha enteada, 'aonde' ela está, que ela fica, Denair, é do outro lado. Tem do Antônio, meu cunhado. E tem o meu e dela aqui, lá em São João do Meriti, né?

RC – Mas por que sua esposa ficou preocupada do senhor vir fazer entrevista?

JM – Sei lá... porque ela tem muito ciúme de mim, que eu sou muito bonito, né?

RC – Ah! (*risos*)

JM – Deus me perdoe, sabe. (risos) Mas, é isso. Eu levo a vida na brincadeira, sabe, eu gosto muito de...

TF – Mas, o senhor...

JM - ... entendeu? Eu sou alegre. Às vezes, eu fico triste, sabe, mas...

TF – Mas, o senhor falou que conheceu ela num forró, então, tinha forró?

JM – Lá em Manguinhos...

TF – Em Manguinhos.

JM - ... lá do lado de Manguinhos, tinha um forró lá.

TF – Então, conta essa história direito, o senhor tá escondendo o jogo pra gente.

JM – Senhora?

TF – Conta essa história da... do forró pra gente.

JM – Tinha forró...

TF - Tinha forró sempre? Como é que tinha?

JM – Tinha forró sempre. Então, eu ia... eu saía lá de Manguinhos, da Varginha, atravessava prá o outro lado, era o forró até do Barbudo. Esse forró sai lá na... naquela... perto da Escola de Samba Unidos de Manguinhos, tinha aquele forró ali. Aí, eu ia pra lá...

MS – Em frente?

JM – É. Não, não era do Vicente, não...

MS – Não, era em frente?

JM - ... era do Barbudo. Conheceu aquele forró do Barbudo, da Socorro?

TF – Ainda existe o forró hoje?

JM – Não, acabou porque eu acho que ele até morreu, ele tá muito doente. Aí, tinha o *show* do Juvenal, antes. Aí, eu saía, ia pra lá. E conheci ela, né, conheci ela. Comecei a dançar com ela, e coisa e tal. Aí, carreguei ela pra o meu quarto... nós 'ficamo' numa boa. Depois, digo: "Ih, essa mulher..." Minha mãe era viva, minha mãe era da Assembléia de Deus: "Que nada, ela é tão boazinha, Josué, fica com ela, ela é legal." Não queria, não. Depois, eu cheguei no meu barraco, tinha... era até um quarto alugado na Varginha, tinha o meu guarda-vestido, meu fogão à gás, bujão, minhas 'coisinha', que eu sempre fui caprichoso. Eu morei sozinho 3 'ano'. Aí não encontrei mais nada. Eu digo: "Cadê minhas 'coisa'?" "Ah, não sei, não. Aquela mulher, Carmelita, carregou suas 'coisa' 'toda' lá pra o..." Ela alugou uma sala da filha dela, que é essa aí, que eu falo, (Inaudível), muito boa pessoa... (*tosse*) Cheguei lá, eu cheguei de Olaria, do serviço, falou: "Pode tomar banho que o almoço já tá... a 'janta' já tá pronta." Eu digo: "Ué!" (*risos*) Eu não tinha televisão, já vi o aparelho, eu digo: "Bom, então, tá bom, tá melhorando, né?" Aí, fiquei até hoje com ela.

RC – E tirou a sorte grande, né, sr. Josué? (*risos*)

JM – É, graças a Deus, né? (*tosse*) Meus 'filho' 'gosta' muito dela. Essa mulher que eu estou separado dela gosta dela também, se dão. (Inaudível), né? Essa mulher, também, ela é mais bonitinha. A minha mulher tem uma (Inaudível). É... deixa pra lá... tá bom. (*risos*)

TF – Então, tá, tá bom?

RC – Tá bom.

JM – Bom...

RC – Obrigado, sr. Josué.

JM – Bom, eu que agradeço. Desculpe eu falar alguma... coisa assim...

RC – Nada.

TF – Não, foi ótimo!

RC – Foi ótimo!

JM – Eu sei lá...

TF – Passeamos lá nas favelas todas.

JM - ... se eu falei algumas 'coisa' 'desagradável', desculpa.

TF – Não, nada desagradável.

JM – E foi um prazer estar aqui com vocês, tá, são a juventude maravilhosa, tá, que... Você também é jovem, também, não leva a mal, não.

TF – Sou jovem, sim, sou mais nova aqui.

JM – Velho sou eu.

RC – O que é isso!

JM - Vou fazer agora 67 'ano', tá? Quer o quê? Tem dó! Tem uma mulher lá perto de casa que ela não pode me ver, lindona! (*risos*) Lindona! Sabe por que ela não pode me ver? Ela é cega, tá? (*risos*)

RC – Brincadeira.

TF – Ele gosta de piada. Então, tá, sr. Josué...

JM – Mas, muito obrigado por tudo...

TF – Então...

JM - ... e foi um prazer, tá, estar aqui com vocês, são pessoas maravilhosas, né, tá bom, tá?

TF – Muito obrigada.

RC – Obrigado, a gente é que agradece. É isso aí. (*interrupção da fita*)

*A fita 02 não foi gravada integralmente (aproximadamente 18 minutos do Lado A).